

LIÇÕES DE CIDADANIA

GRAÇAS À EDUCAÇÃO AMBIENTAL, EM 15 ANOS
A RECICLAGEM DE GARRAFAS PET SOBE DE 3% PARA 72%

POR LÚCIA HELENA DE CAMARGO

Em 1995, o Japão reciclava apenas 3% das garrafas PET. Em 2010, esse número passou a 72% – crescimento de 250% em 15 anos. No setor de reaproveitamento de equipamentos eletrônicos via logística reversa, os índices são ainda mais surpreendentes. De acordo com o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) Global E-waste Monitor (GEM) 2024, o Japão produziu 2,6 milhões de toneladas de lixo eletrônico em 2022 e reciclou 613,4 mil toneladas – percentual de 23,25% de aproveitamento, o que coloca o país como o maior reciclador de aparelhos eletrônicos da Ásia e acima da média mundial (22,3%). No Brasil, a quantidade na produção de e-lixo é parecida: 2,4 milhões de toneladas anuais, mas o país recicla apenas 3% do total.

Para aprender lições japonesas que possam ser aplicadas no Brasil, o empreendedor social Vinicius Saraceni, fundador da Atina Educação e idealizador do Movimento Circular, participou neste ano da Missão Japão, a convite do Instituto Aots do Brasil, que investe na disseminação global dos conceitos de economia circular, com apoio do governo japonês.

“A transformação japonesa foi resultado de um longo trabalho de educação ambiental”, observa Saraceni. “O pós-guerra no Japão, nos

anos de 1950, foi de muita carestia. Toda uma geração foi educada para evitar o desperdício. Isso se aplica a alimentos, água, energia”, diz Ugo Ibusuki, coordenador da Missão e professor de engenharia de produção na Universidade Federal do ABC. “A sociedade que surgiria desse contexto adotou a matriz que fecha o ciclo de vida dos materiais. As leis começaram a ser mudadas desde o Acordo de Kyoto (1997), já voltado para a agenda ambiental”, completa Saraceni.

A taxa geral de reciclagem de resíduos sólidos no Brasil não passa de 4%; a japonesa é de 20%. Não chega perto dos 60% da Alemanha ou 59% da Coreia do Sul, mas Ibusuki lembra que grande parte do lixo japonês é queimada para a geração de energia. “A maior lição que o Japão pode oferecer ao Brasil é que a economia circular precisa ser responsabilidade de cada um.

Não há cestos de lixo nas ruas japonesas; cada um leva para a casa os resíduos que produz, para destinar da maneira correta”, afirma Ibusuki. “As crianças visitam cooperativas de reciclagem como parte do currículo escolar. É transformador, muda a vida”, observa Saraceni.

A Cooperativa de Coleta Seletiva da Capela do Socorro e Paraisópolis (Coopercaps) segue a mesma linha de pensamento e ação. Com 21 anos de atuação, a organização, presidida por Telines Basilio, conhecido como Carioca, que começou com 22 catadores, hoje conta com uma matriz e cinco filiais, gera emprego e renda para 400 pessoas e acolhe egressos do sistema prisional, população LGBTQIA+, refugiados, entre outras minorias e pessoas em vulnerabilidade.

“Nosso papel é fazer reciclagem de vidas e devolver cidadania às pessoas. No trajeto, contribuimos para um planeta mais sustentável”, diz Carioca, que atua há 38 anos no ramo da reciclagem, tendo passado 12 deles como morador em situação de rua. “Aqui adotamos a mesma filosofia do desperdício zero e vamos aprendendo com o Japão métodos de disseminar isso em cursos, palestras e vivências; com o agravante de que o Brasil é um país bem mais desigual, então toda lição precisa ser adaptada à realidade local.”

Saraceni, do Movimento Circular, ressalta a importância da responsabilidade individual

